

possível, estou aqui estabelecendo o jogo das relações sociais da arte, como você disse. Como aconteceu também no *Paredes Pinturas* na Vila Aeroporto, em Belo Horizonte, sempre se forma um clima maravilhoso entre as pessoas, é hora de fazer junto e compartilhar, uma festa! – e isso é o mais importante do trabalho. Estive no Rio de Janeiro esse mês, no Morro da Providência. Essa favela foi formada pelo pessoal que veio da Guerra do Paraguai e de Canudos. O nome é porque estavam à espera de uma providência... Pintamos, numa casa, a folha de uma planta que veio de Canudos e que se chama *favela*. Há um oratório antigo no cocuruto do morro, que é o primeiro Cristo Redentor do Rio. Para a Copa do Mundo, o governo quer recuperar a visibilidade do oratório desde o asfalto e para isso está demolindo as casas em volta que impedem essa visão. Atuamos justamente ali, numa casa marcada para morrer. Cada lugar é uma história diferente.

Renata Marquez – O JAMAC, Jardim Miriam Arte Clube, foi iniciado por você em 2004 na zona sul de São Paulo, a partir da experiência do *Paredes Pinturas*. É um espaço de ateliê aberto que abriga projetos a partir da articulação dos interesses culturais dos moradores do bairro. O trabalho cresceu para além da pintura. É uma ação artística que reedita a fusão arte e vida: a sua, a dos outros, a do bairro...

Mônica Nador – O *Paredes Pinturas* é uma coisa e o JAMAC é outra. Era o QG do trabalho e se transformou num centro cultural. Ele assegura a minha saúde mental... E muda mesmo a vida e a visão das pessoas. O Mauro, morador do Jardim Miriam, passou a reivindicar cultura junto com saúde. Foi metalúrgico, estudou Ciências Sociais e hoje é professor de Geografia porque foi demitido da fábrica. Ele reconhece o papel da cultura como cosedor da sociedade.

Ines Linke nasceu em 1971 em Freiburg, Alemanha, e **Louise Ganz** nasceu em 1968, em Belo Horizonte. As artistas são também professoras, respectivamente, na UFSJ e UEMG. Desde 2010, integram o grupo *Thislandyourland*, desenvolvendo articulações artísticas entre natureza e cidade, território e temporalidade, paisagem e ficção. | **Mônica Nador** nasceu em São Paulo em 1955, onde vive. Pintora interessada nas relações sociais da arte, desde 2004 fundou o JAMAC, Jardim Miriam Arte Clube, hoje Ponto de Cultura. | **Renata Marquez** é curadora do Projeto Arte Contemporânea no MAP 2011.

Museu de Arte da Pampulha

Av. Dr. Otacílio Negrão de Lima, 16.585 Belo Horizonte MG Brasil 31365-450

Terça a domingo, das 9h às 19h | Entrada franca | Visitas mediadas

Ônibus 2212B e C, 2213, 2215A, B, C e D



Museu de Arte da Pampulha

Projeto Arte Contemporânea 2011

28 de julho a 30 de setembro de 2012

Outros Lugares

INES LINKE E LOUISE GANZ MÔNICA NADOR

Renata Marquez – Em *Museu Campestre*, os canteiros desenham uma geometria de cultivos e *In Locu* paralisa os tijolos num novo campo volumétrico. Os trabalhos refletem sobre as dinâmicas de ocupação e desocupação do território e do tempo. A experiência do espaço-tempo se dá a partir de uma reparametrização dos valores. Se *Museu Campestre* ocupa o lote vago desocupando-o (com plantações e não edificações), torna o improdutivo (terreno baldio) em produtivo (hortaliças, frutas...). Essas contradições permeiam nossos planos cotidianos (produtivo/improdutivo, natureza/cidade, trabalho/ócio, individual/coletivo) e são apresentadas aqui revertendo o valor econômico em valor cultural sensível e compartilhado...

Ines Linke e Louise Ganz – *Valor* é a palavra-chave desde o início. O vegetal na feira tem um valor e o vegetal no Museu tem outro. O olhar sobre o vegetal é aqui redimensionado sob o filtro da beleza, afetos e memórias. Há também o valor do metro quadrado de terra, do trabalho humano, da água, dos *royalties* da pesquisa científica. Entretanto, o valor do tempo despendido nos dias de artesanaria, permanência no terreno e do prazer de plantar é o que nos interessa revelar, propondo uma revisão das estruturas contemporâneas de ocupação e construção dos espaços de viver e produzir. Não se trata de nostalgia, mas de maneiras de empregar estruturas existentes na produção de *pausas*. Propomos uma discussão territorial sobre os modos de vida. Vivemos a ocupação pela agroindústria extensiva, o controle de terras para extrativismo, as infraestruturas de distribuição e consumo e o turismo sobrepondo-se às experiências locais. Isso faz com que o território se torne inacessível. A especulação imobiliária visa produzir um espaço autônomo e hierarquicamente separado. Atuamos dentro do contexto da sociedade de consumo, na qual os espaços e os modos de vida são produzidos

sob esse paradigma. Criamos atravessamentos questionando a inacessibilidade à terra e propondo possibilidades de uso pela coletividade.

Renata Marquez – *Museu Campestre* e seus projetos públicos anteriores oferecem uma programação aberta aos passantes: oficinas, passeios, descanso, lazer, refeições, etc. Se eles escolhem participar, reocupam o espaço e o tempo, deixando o dia objetivo para aderir ao projeto artístico que lhes é oferecido. Essas coletividades instantâneas são constituintes essenciais do trabalho de vocês?

Ines Linke e Louise Ganz – A participação é constantemente redimensionada. Trabalhando em espaços externos entre o público e o privado, sempre nos envolvemos com moradores locais, interesses coletivos e responsabilidades civis. Já em *Museu Campestre*, ainda em processo, surgiram novas relações: com o Museu e com o jardineiro. Através do Museu e instituições parceiras (Fundação Zoobotânica, Secretaria de Abastecimento, URBEL, SUDECAP e Regional Pampulha), fomos abrindo caminho para aquisição de mudas, mão-de-obra temporária, trator para arar a terra. Houve a presença constante do jardineiro Cláudio, com quem compartilhamos a vida campestre nos últimos seis meses capinando, semeando, colhendo, regando, removendo entulhos, cozinhando...

Renata Marquez – Se *paisagem* pode ser definida como um filtro cultural posto sobre a natureza, em suas caminhadas vocês lançam nas paisagens visitadas o olhar romântico. *Souvenirs* e *Natureza Morta* são paisagens românticas se vistas ao lado de *Anatomias Naturais* e *Práticas do Subsolo*, projetos nos quais há o pragmatismo radical da *tabula rasa*: o modernismo é invertido e convertido em ficção da natureza e não da arquitetura?

Ines Linke e Louise Ganz – Fazemos projetos de cidades, edifícios, modos de vida, ocupações, passeios, paisagens, naturezas. Mas esses projetos estão incorporados pelo Não-Projeto, ou seja, utilizamos procedimentos de implantação de algo que funcionará como catalisador de um processo que se desdobrará em novas espacialidades. Talvez um pouco do filtro romântico se localize nessa equação.

Visite também o *Museu Campestre*, espaço-obra proposto por Ines Linke e Louise Ganz no lote anexo, em frente ao Museu.

*Traga seu picnic para compartilhar!

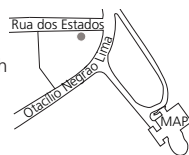
Atividades do *Museu Campestre*:

Oficina de mudas | 18 ago, sábado, das 10 às 12h

Passeios e coletas | 01 set, sábado, das 10 às 12h

Jantar colaborativo* | 15 set, sábado, às 17h

Almoço colaborativo* | 30 set, dom, às 12h



Renata Marquez – As pinturas em panos e papéis sob o título de *Autoria Compartilhada* são pinturas feitas por você junto com outras pessoas em suportes banais, entendendo a pintura como uma *ação de beleza* passível de impregnar-se em qualquer suporte. Vejo duas palavras-chave nesse trabalho: negociação e multiplicação. Negociação entre você e seus colaboradores; multiplicação possível dessa *ação de beleza* em outras situações cotidianas a partir do vivido ali.

Mônica Nador – São termos que indicam que os outros estão implícitos, que o compartilhamento está computado desde o início. Ao mesmo tempo que tenho que negociar com os outros, tive que negociar com a outra, a “artista” e tudo o que ela implica. Hoje sou mais ativista quântica do que propriamente artista nos moldes convencionais. Isso significa que mudar as coisas e pensar um *outro mundo possível* é mais importante do que a “arte”. Uso a arte porque é o *meu* instrumento de ação. A multiplicação está tanto na própria construção plástica (o módulo que se repete no estêncil) quanto na prática das pessoas que participam. Elas fazem espontaneamente novas pinturas, como ocorreu em Tijuana, por exemplo. Uma pessoa pintou sua casa à nossa maneira por iniciativa própria. Nem nos encontramos, simplesmente vi a casa dela pintada! Em Beruri, um vizinho aproveitou a tinta e pintou a casa ao lado da nossa. Tem também a história da Cristiane, que trabalhou comigo e fez disso o seu meio de vida: foi para o interior do Paraná e hoje trabalha num ateliê especialmente montado pelo prefeito da cidade para cursos e oficinas...

Renata Marquez – Compartilhar a autoria do trabalho não é desfazer-se como artista, mas interagir com as dinâmicas do mundo e inventar um mecanismo artístico que privilegia o processo coletivo. *Paredes Pinturas* implica negociação e multiplicação no âmbito do território urbano, com seus agentes e instituições. Não há desmistificação da arte (deselitização sim) mas, pelo contrário, há uma retomada do homem estético, que toma temporariamente o poder do homem econômico, deslocando recursos de produção de obras de arte para intervenções feitas com comunidades específicas, estabelecendo o jogo das relações sociais da arte. *Paredes Pinturas* já aconteceu em Toulouse, Toyota, Caracas, Havana, Tijuana e em quinze cidades do Brasil, desde 1998. É um método que consegue ser sempre inaugural e, ao mesmo tempo, ser feito das singularidades das pessoas e lugares.

Mônica Nador – Tenho a seguinte visão da arte e seu papel: não vejo a importância da arte em si mesma, pois assim ela perde o sentido e contribui para mais do mesmo – o mundo horrível. Acho que sou uma representante do *outro mundo*